

Onde está Francisco



» JOSÉ SARNEY
Ex-presidente da República,
escritor e imortal da Academia
Brasileira de Letras

Quando o cardeal Jorge Bergoglio foi anunciado papa, houve uma surpresa muito grande. Ele mesmo disse ter vindo do fim do mundo. Era difícil para um católico europeu pensar num cardeal argentino, da América Latina. Ele chegou pedindo que rezassem por ele. Ao escolher o nome de Francisco, dom Cláudio Hummes, seu amigo, que estava ao seu lado durante a votação, disse que essa escolha do nome era uma encíclica. Ela dizia tudo do zelo pelos pobres, pela simplicidade, pelos mais humildes e, sobretudo, pela definição de uma Igreja voltada para a missão evangélica e a busca dos primitivos valores do cristianismo.

Ele saía de um modesto hotel de Roma, onde se hospedara, pagando do seu bolso as diárias, e dispensava os sapatos brilhantes papais para

ficar com os surrados sapatos que usava em Buenos Aires, onde andava de ônibus e de metrô.

Era um homem que sempre pregara a conciliação, não gostava de brigas e de radicalizações. Sendo jesuíta e com visão de franciscano, tinha de conciliar uns com os outros. Se os franciscanos desejavam viver em pobreza, já os jesuítas optavam pelo poder, de tal modo que estes viam a crítica do papado, o que determinou que João Paulo II chamasse ao Vaticano o superior deles, o padre Pedro Arrupe, e lhe dissesse: “Os jesuítas fizeram votos de obediência ao papa. Ajoelhe-se. Cumpra o seu voto.” O superior dos jesuítas ajoelhou-se. João Paulo disse-lhe: “Cumpriu.”

Pois Francisco tinha de conciliar as duas vocações: a da pobreza e a do poder. Todo seu pontificado foi o de manter a união da Igreja, avançando em assuntos e problemas sensíveis e mantendo a autoridade papal. O maior desafio foi o de excomungar o cardeal alemão que lhe fizera uma crítica contundente pela benção a um casal gay.

Como foi a surpresa de sua escolha, deu-se a surpresa da sua morte. Todos estávamos certos de que estava em processo de recuperação acelerada. Foi à Praça de São Pedro. Deu a bênção *Urbi et Orbis*. E, ao amanhecer, eis a trágica e dolorosa notícia: sua morte. Então, o mundo inteiro

chorava por ele e contra ele. Voltava à casa do Pai, de onde saía para a aventura da vida, deixando um raio luminoso de sol, de fé e de exemplo.

O cardeal de Brasília, dom Paulo Cezar Costa, uma de suas belas e virtuosas escolhas, disse que o seu legado seria o do “papa que olhou pelas periferias” e de que “a Igreja tem que levar o amor de Deus para as pessoas, não pode abandonar esse caminho”.

Seu desejo é o de ser enterrado na Basílica de Santa Maria Maior: sua grande devoção era a Mãe de Deus. O padre Vieira tem um sermão, pregado em Belém do Pará, cujo lema era saber onde estava Jesus logo depois da ressurreição, já que nem nos Evangelhos nem no Atos dos Apóstolos, durante três dias, Ele não aparece. O padre Vieira responde: “Com sua Mãe”, onde todo filho sempre está. Depois daquela madrugada, em que Maria Madalena, Maria Salomé e Maria de Cléofas, mãe de Tiago, ouviram do anjo que Jesus não mais estava lá, Vieira procura saber onde estava. E diz, repito, que estava “com sua Mãe”.

Francisco, como bom mariano, também imita Cristo e vai para “casa da Mãe de Deus”, e ali repousará para sempre, no exemplo e na veneração de todos nós.

Encerremos como Vieira: “Ave-Maria.”



21 de abril. Que data!



» ORLANDO THOMÉ CORDEIRO
Consultor em estratégia

Dia 21 de abril ficou fixado no calendário brasileiro como o Dia de Tiradentes, tornando-se feriado nacional desde 1890, por meio de um decreto do governo provisório chefiado por Deodoro da Fonseca. A República, proclamada no ano anterior, encontrou no alferes um símbolo importante como contraponto à monarquia. Sessenta anos depois, no governo Dutra, é promulgada a Lei 1.266/1950 que, em seu Artigo 3º, estabelece: “é feriado nacional o dia 21 de abril, consagrado à glorificação de Tiradentes e anseios de independência do país e liberdade individual”.

Interessante registrar que o texto legal refletia o momento político do pós-Segunda Guerra, marcado pelo anseio por democracia, após o longo período do Estado Novo, e por um forte sentimento nacionalista, em que a campanha “O petróleo é nosso” foi um dos principais símbolos. Essas ideias-força mantiveram-se presentes no imaginário popular e foram elementos de destaque nas campanhas presidenciais de 1950, 1955 e 1960.

Mesmo durante boa parte da ditadura, iniciada com o golpe de 1964, os governantes fizeram campanhas publicitárias em que nacionalistas eram o carro-chefe. “Brasil, ame-o ou deixe-o”, “Esse é um país que vai pra frente” e “Quem não vive para servir ao Brasil, não serve para viver

no Brasil” foram divulgados massivamente nos meios de comunicação, além de adesivos colados nos vidros de centenas de milhares de carros e janelas residenciais.

Porém, para a parcela da minha geração nascida no fim dos anos 1950 e que lutou pelo restabelecimento da democracia em nosso país, essa data revela um fato tão triste quanto relevante. Há 40 anos, nesse mesmo dia, morria Tancredo Neves, após pouco mais de três meses de sofrimento e agonia que mobilizaram a atenção de toda população brasileira, torcendo e rezando por sua recuperação.

Apesar de ter sido eleito de forma indireta pelo Colégio Eleitoral, nos meses anteriores ao histórico 15 de janeiro de 1985, o país presenciou uma campanha popular que resgatou e manteve o pique de mobilização das Diretas Já, comprovando que o político mineiro encarnava a esperança representada no slogan “Muda Brasil”, Tancredo já. O clima era contagiante. Na véspera da eleição, Cazuza e o Barão Vermelho cantavam *Pelo dia nascer feliz*, no Rock in Rio. Ao final, o poeta deixou sua mensagem: “Que o dia nasça lindo pra todo mundo amanhã. Um Brasil novo, com uma rapaziada esperta! Valeu!”.

Foi muito difícil superar a frustração trazida pelo seu falecimento. Parecia que estávamos destinados, como nação, a não termos um futuro promissor. Felizmente, o país conseguiu ir em frente, fazendo a travessia para completar o mais longo período democrático de nossa República. Não foram águas calmas, principalmente nos últimos 12 anos, quando presenciamos o crescimento do sentimento de ódio e intolerância que tem contaminado a vida política brasileira.

Nesse mesmo período iniciado em 2013,

pudemos conviver com uma liderança mundial que, pouco a pouco, foi nos conquistando em razão de algumas de suas principais características como ser humano: compaixão, solidariedade, humildade, firmeza de caráter, sinceridade, bom humor, simplicidade.

Sua permanente pregação era baseada na valorização do amor ao próximo e no acolhimento. Sempre procurava transmitir confiança e otimismo, mesmo nas situações mais desafiadoras para seus interlocutores. Seja quando se dirigia a uma multidão, seja em uma conversa por telefone.

Óbvio que estou me referindo ao papa Francisco, cuja morte ocorreu na última segunda-feira. Católicos e religiosos de todas as denominações, além de ateus, como eu, não esconderam a emoção provocada por sua partida. Lembramo-nos todos de sua atuação na defesa das vítimas das mais diversas formas de exclusão nos quatro cantos do mundo. Sem abrir mão dos dogmas e apoiado em sua fé, estendeu a mão para quem dela precisava.

Quis o destino que o político da conciliação nacional e o religioso argentino partissem no mesmo dia 21 de abril. Separados por 40 anos, os dois foram responsáveis, cada um à sua maneira, por se entregarem à missão de transmitir esperança e fé em dias melhores para a população brasileira e mundial.

Em tempos conturbados como os atuais, precisaremos cada vez mais de lideranças com esse perfil. Que sejamos capazes de nos inspirar nesses exemplos para podermos dar nossa contribuição, individual e coletiva, em direção a um mundo mais justo e menos desigual, em que as liberdades democráticas superem os arbúrbios autocráticos.

Viva Francisco! Viva Tancredo! Viva Tiradentes!

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br



Loucura ou inocência

Entre as despesas primárias do governo, o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) é o que mais pesa no Orçamento da União. A conta chega perto de R\$ 1 trilhão em pagamentos de benefícios previdenciários. Trata-se de um problema de enormes proporções, pois, a cada ano que passa, o deficit nesse instituto aumenta numa progressão muito acima de quaisquer planejamentos. Hoje, o número de dependentes desse sistema se aproxima dos 35 milhões de segurados. A perspectiva não foi equacionada de maneira minimamente satisfatória ao longo dos anos. A maior preocupação, expressa pelos governos que vêm e vão a cada quatro anos, é de que a quebraadeira geral ocorra somente na gestão seguinte. Lembrando que esse dinheiro não é dado, foi tirado dos trabalhadores ao longo dos anos de labuta.

Com isso, vai-se empurrando com a barriga um problema que é de toda a sociedade civil. Por volta de uma década atrás, havia uma relação de cinco contribuintes para cada beneficiário, seja pensionista ou aposentado. Hoje, essa relação caiu para algo em torno de 1,7, o que significa que menos de dois trabalhadores contribuem para o sistema. Além de uma queda acentuada da natalidade em nosso país e de um maior prolongamento na expectativa de vida dos brasileiros, o aumento real do salário mínimo acima da inflação vem pressionando o deficit no INSS, criando o que muitos experts nessa questão chamam de uma bomba armada prestes a explodir.

As previsões dizem que, nas próximas duas décadas, todo o sistema vai ruir caso não sejam adotadas medidas sérias a tempo. Analistas confessam que esse é um problema sem solução à vista, e que a única saída, do tipo emergencial, seria fazer ajustes nas regras de benefícios previdenciários, elevando os valores das contribuições para o sistema. Mesmo assim, essa seria uma medida capaz de prolongar a agonia do sistema, não uma solução.

O deficit total do sistema, somando benefícios do setor privado, público, militar e pensionistas, chegou a R\$ 410 bilhões em 2024. Para os ministros do Tribunal de Contas da União, que observam de perto essa questão, é preciso que, antes de qualquer reforma no INSS, sejam adotadas, de modo emergencial, medidas visando coibir as costumeiras fraudes nesse sistema.

Fraude no INSS é velha conhecida dos brasileiros. Não passa governo algum sem que escândalos do tipo venham à tona, mostrando a forma criativa como esse sistema é ludibriado. Os números sempre são superlativos, na casa dos bilhões de reais. A despeito da incorporação de todo o aparato tecnológico ao sistema, eliminando interferências humanas, sempre ocorrem casos de fraudes.

O escândalo da vez, como sempre, de grande proporção, vem sendo divulgado por parte da imprensa e dá conta de que R\$ 6,3 bilhões foram desviados de aposentados e pensionistas por meio de descontos que eram, ou ainda são, debitado nas contas dos aposentados todos os meses para associações do tipo Sindicato Nacional dos Aposentados, Pensionistas e idosos (Sindnapi), entidade que segurados não conhecem e sequer deram permissão para esse desconto.

Quem aparece, desta vez, como centro das investigações é, além do então presidente do instituto, Alessandro Stefanutto, o irmão do presidente da República, chamado de Frei Chico, que vem a ser o atual dirigente do tal Sindnapi. Stefanutto é ligado ao eterno presidente do PDT, o ministro da Previdência, Carlos Lupi. Lembrando que Lupi já foi demitido do governo Dilma por acusação de corrupção.

Os pensionistas, que temem por mais esse rombo na previdência, sabem que o dinheiro desviado jamais vai retornar aos cofres da instituição e se mostram surpresos com detalhes de mais esse desfalque. Os criminosos, desta vez, agiram com maior audácia — talvez, incentivados pelos inúmeros casos de corrupção sem solução ou punição.

Como a adesão dos pensionistas era impossível, os bandidos falsificaram as assinaturas de milhões de beneficiários, dando a impressão de que tudo corria como manda a lei. Como dizem os cientistas e pesquisadores, achar que, repetindo as experiências com os mesmos produtos e nas mesmas condições, alguém irá obter um resultado diferente é loucura...ou inocência.

A frase que foi pronunciada:

“Coincidência ou não, basta você se aposentar para começar a receber telefonemas de golpes ou consignados.”

Dona Dita, sobre a Lei de Proteção de Dados

História de Brasília:

Amanhã, estaremos na TV-Brasília comentando o desenrolar do inquérito na Novacap e a situação da merenda escolar, que tem uma campanha nacional, mas quem dá mesmo a merenda são os pais. (Publicada em 29/4/1962)